

Jovem / Youth

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.36.39>

José Machado Pais

Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Portugal

Jovem

As representações do ser jovem têm variado ao longo do tempo, em diferentes latitudes e contextos sociais (Levi & Schmitt, 1996). Porém, até inícios do século XX, o que mais singularizava as idades da vida era o elo a processos biológicos de maturação e decadência. Crianças, jovens ou velhos, todos apareciam enquadrados por uma mesma temporalidade. Para historiadores, filósofos e ensaístas, o “espírito do tempo” de cada época a todos se sobrepunha. Wilhelm Pinder, historiador de arte, foi dos primeiros pensadores a criticar esta conceção do tempo, insensível às diferenças geracionais. Para as captar, Pinder propôs a valorização da temporalidade polifónica que faz ecoar as vozes de distintas gerações. E o que a identificaria a geração dos jovens? Uma enteléquia própria, um sentimento e atitude perante a vida e o mundo, como aliás foi também reconhecido por Karl Mannheim.

Assim, as representações das idades da vida deixaram de ficar confinadas a um essencialismo biológico, passando a adquirir distintos significados culturais, variáveis de sociedade para sociedade. Também as relações intergeracionais se reconfiguraram com a passagem do tempo. Por exemplo, nos meios aristocráticos do século XVIII os jovens procuravam imitar os velhos em suas atitudes ancilosadas, exibindo um ar caduco no andar e no sentir, pois a ancianidade conferia um estatuto social. Havia uma socialização dos jovens por antecipação da velhice, visível na exibição de perucas esbranquiçadas que camuflavam a imaturidade associada à idade jovem. Hoje acontece o contrário, os mais velhos tudo fazem para parecer mais jovens. A aparência jovem tornou-se um modelo de referência.

A juventude começou também a ser sociologicamente apreendida como uma construção social. Se o conceito de jovem é, *lato sensu*, um atributo associado a um tempo da vida situado entre a dependência infantil e a suposta autonomia da idade adulta, os jovens são o que são, mas também são – sem que o sejam – o que deles emerge como representação social, como acontece quando, metonimicamente, se difunde o mito da juventude como realidade homogênea. A própria democratização do sistema de ensino credibilizou esta representação ao impelir a difusão de consumos culturais, outrora minoritários, a camadas cada vez mais alargadas de jovens. No entanto, na esfera do consumo como noutras, os jovens diferenciam-se

pelas suas pertenças sociais, de género, etc. As trajetórias biográficas não caminham à revelia dos constrangimentos sociais.

Passou também a ser reconhecida uma variabilidade histórica no significado do ser jovem. Outrora existiam ritos de passagem que demarcavam a transição dos jovens para a idade adulta. Assim acontecia com os ritos de circuncisão. Há umas décadas, o casamento e a obtenção de um emprego ainda constituíam momentos-chave para a aquisição do estatuto de adulto. E até o cumprimento do serviço militar, dizia-se, fazia de um rapaz um homem. Hoje são bem mais fluidas as fronteiras que demarcam as fases de vida. Estas transformações têm abalado o próprio significado de alguns ritos de passagem. Por exemplo, no nordeste de Portugal persiste a festa dos rapazes como rito de iniciação à idade adulta. Rapazes solteiros, com máscaras de latão e trajes bizarros, portando à cintura chocalhos tilintantes, continuam a perseguir moças para as chocalhar em simulações de ato sexual. No entanto, a persistência do rito implicou uma reinvenção da tradição. Crianças incitadas por familiares já participam na festa dos rapazes, fumando e bebendo jeropiga numa iniciação à varonilidade sem limites de idade. Por outro lado, camufladas pelas máscaras, as moças subverteram o rito assumindo o direito de chocalhar os rapazes, num gesto simbólico de emancipação feminina.

Entre os jovens, os ritos tradicionais foram dando lugar a ritos de resistência e contestação social. Nos anos sessenta do século passado, as mobilizações estudantis estenderam-se por quase toda a Europa, reivindicando direitos de participação política. Mais recentemente foi a vez de os jovens precários se indignarem clamando por trabalho e novos rumos sociais. Para os jovens de hoje, os direitos sociais mais apelativos são os que expressam direitos individuais, como os relacionados com o género, a sexualidade, os estilos de vida e a qualidade da mesma. O que mais sobressai nas culturas juvenis é a abertura a novas experiências de vida, a produção reflexiva de subjetividades. Os jovens, principalmente os mais escolarizados, movimentam-se numa alargada constelação de redes sociais, distinguem-se pelo seu cosmopolitismo, envolvem-se em formas de participação social e política de natureza transnacional, frequentemente mediadas pelas novas tecnologias de comunicação. Os usos digitais, acentuadamente arreigados entre os jovens, sugerem uma clivagem geracional de natureza digital. As tecnologias digitais mapeiam os seus horizontes profissionais, fomentando estratégias colaborativas próprias da chamada *cultura maker*. As suas experiências profissionais são atualmente feitas de percursos zigzagueantes, variáveis, indetermináveis. Os jovens confrontam-se assim com o desafio de se

adaptarem a circunstâncias de vida mutáveis, o que pressupõe perícias para lidar com a imprevisibilidade do futuro e agenciar a sua reinvenção.

Youth

The definitions of being young have varied over time, in different latitudes and social contexts (Levi & Schmitt, 1996). However, until the beginning of the 20th Century, what most distinguished the ages and stages of life was the link to biological processes of maturation and decay. Children, young or old, all appeared framed by the same temporality. For historians, philosophers, and essayists, the “spirit of time” of each era overlapped. Art historian Wilhelm Pinder was one of the first thinkers to criticize this conception of time as being insensitive to generational differences. To capture them, Pinder proposed the enhancement of polyphonic temporality that echoes the voices of different generations. And what would the generation of youth identify? A proper *entelechy*, a feeling and attitude towards life and the world, as was also recognized by Karl Mannheim.

Thus, descriptions of the ages of life are no longer confined to biological essentialism, but have acquired different cultural meanings, which vary from society to society. Intergenerational relations have also been reconfigured over time. For example, in the aristocratic circles of the 18th century, youth tried to imitate old people in their rigid and stiff attitudes, showing an outmoded air in walking and feeling, since old age conferred a social status. There was a socialization of youth in anticipation of old age, visible in the display of whitish wigs that camouflaged the immaturity associated with young age. Today the opposite happens, as older people do everything to look younger. A youthful appearance has become a reference model.

Youth also began to be understood sociologically as a social construction. If the concept of youth is, broadly speaking, an attribute associated with a time in life between child dependence and the supposed autonomy of adulthood, young people are what they are. But they are also – without being – what emerges from them as a social representation, as happens when, metonymically, the myth of youth merges with a homogeneous reality. The democratization of the education system itself made this representation credible by impelling the spread of cultural consumption, formerly for a minority, to increasingly broadening layers of young people. However, in the sphere of consumption, as in others, young people differ in their social

status, gender, etc. Biographical trajectories do not happen without social constraints.

Historical variability in the meaning of being young has also come to be recognized. In the past, there were rites of passage that marked the transition of young people to adulthood. So it was with circumcision rites. A few decades ago, marriage and getting a job were still key moments for achieving adult status. Military service, it was said, made a boy a man. So, it was with circumcision rites. A few decades ago, marriage and getting a job were still key moments for achieving adult status. The military service, it was said, made a boy a man. Today, the boundaries that define life stages are much more fluid. These transformations have shaken the very meaning of some rites of passage. For example, in the northeast of Portugal a festivity for boys continues as a rite of initiation into adulthood. Single boys, in brass masks and bizarre costumes, wearing clattering rattles around their waist, continue to chase girls to “rattle” them in simulations of sexual intercourse. However, the persistence of the rite implied a reinvention of tradition. Children, encouraged by family members, already take part in the boys’ party, smoking and drinking *jeropiga* in an initiation into manhood without age limits. On the other hand, camouflaged by the masks, the girls subverted the rite by assuming the right to “rattle” the boys, in a symbolic gesture of female emancipation.

Among youths, traditional rites gave way to rites of resistance and social protest. In the sixties of the last century, student demonstrations extended to almost all of Europe, demanding the rights to political participation. More recently, it was the turn of youth beset by instability to show their indignation, clamouring for work and new social direction. For today’s youth, the most appealing social rights are those that express individual rights, such as those related to gender, sexuality, lifestyles, quality. What stands out most in youth cultures is the openness to new life experiences, and the reflexive production of subjectivities. Youths, especially the more educated, move in a wide range of social networks, are distinguished by their cosmopolitanism, are involved in forms of social and political participation of a transnational nature, and are often mediated by new communication technologies. Digital practices, which are strongly rooted among youth, suggest a generational cleavage of a digital nature. Digital technologies map their professional horizons, fostering collaborative strategies typical of the so-called culture maker. Their professional experiences are currently made up of zigzagging, variable, indeterminable paths. Youths are thus faced with the challenge of adapting to changing life circumstances. This requires

expertise to deal with the unpredictability of the future and to manage the need for reinvention.

Referências / References

Levi, G. & Schmitt, J.-C. (Eds.) (1996). *Histoire de Jeunes en Occident*. Paris: Le Seuil, 2 volumes.

Pais, J. M. (2020). *Jóvenes y Creatividad. Entre Futuros Sombrios y Tiempos de Conquista*. Barcelona: NED Ediciones.

Pinder, W. (1928). *Das Problem der Generationen*. Leipzig: Seemann, versão acessível em: <https://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:hbz:466:1-41834> (acesso em 27 de agosto de 2020).